

# *A Província do Pará* e a recepção crítica das produções literárias femininas<sup>1</sup>

## *A Província do Pará and the critical reception of literary feminine productions*

Sara Vasconcelos Ferreira\*  
Universidade Federal do Pará - UFPA

Germana Maria Araújo Sales\*  
Universidade Federal do Pará - UFPA

421

**RESUMO:** O presente trabalho examina a recepção crítica da escrita literária feminina veiculada no jornal *A Província do Pará* no decênio final do século XIX a partir da relação entre crítica literária e imprensa e busca recuperar informações sobre a produção feminina oitocentista. Os artigos de crítica literária em jornal assinados pelos paraenses Juvenal Tavares e Theodoro Rodrigues, a respeito da produção de Maria Simões e Auta de Souza, respectivamente, bem como a carta crítica para Ibrantina Cardona escrita pelo colaborador maranhense Raul de Azevedo, e a crítica de Carlos Dias Fernandes discorrem acerca da produção literária feminina. A leitura e exposição das análises sobre o trabalho das autoras faz parte do olhar social do referido jornal acerca da escrita de mulheres e inserção delas no meio literário.

**ABSTRACT:** This paper examines the critical reception of feminine literary writing conveyed in the newspaper *A Província do Pará* in the last decade of the nineteenth century based on the relation between literary criticism and press, it also tries to retrieve informations about the female production in the 1880s. The critical articles signed by Juvenal Tavares and Theodoro Rodrigues, both writers from Pará, regarding the production of Maria Simões and Auta de Souza, respectively, as well as the critical letter addressed to Ibrantina Cardona and written by the

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da pesquisa de Doutorado em desenvolvimento cujo objetivo é recuperar a crítica literária divulgada no jornal *A Província do Pará*, entre 1876 e 1900. O presente trabalho é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES.

\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003).

newspaper's collaborator from Maranhão Raul de Azevedo and the text of Carlos Dias Fernandes have as object the literary production of Brazilian feminine authors. The reading and exposition of the analyzes of the female authors' work is part of the newspaper's social gaze on the writing of women and their insertion in the literary milieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A Província do Pará* - Crítica literária. *A Província do Pará* - Escrita literária feminina. Escrita literária feminina brasileira - Recepção crítica. Crítica literária em jornal.

**KEYWORDS:** *A Província do Pará* - Literary criticism. *A Província do Pará* - Female Literary Writing. Brazilian Female Literary Writing - Critical Reception. Literary Criticism in newspapers.

Para os estudiosos da história da literatura brasileira a primeira percepção em sua leitura é a ausência de mulheres no rol dos nomes das Letras no Brasil do Oitocentos. No entanto, nos últimos anos tem-se buscado recuperar esses nomes apagados pela historiografia literária e recuperar a produção dessas mulheres que lutaram por galgar posições para além do “trabalho das agulhas”.

Ao examinar os jornais do século XIX é possível verificar que as mulheres eram muito assíduas na escrita de artigos pedagógicos, escritos de luta e, principalmente, produções literárias. Nesse sentido, *A Província do Pará* é um espaço que encontramos parte dessas produções artísticas e críticas de dezenas de mulheres colaboradoras ou mesmo escritos reproduzidos pelo jornal que abria espaço para as letras femininas. Dessa forma, as publicações presentes na *Província*, um jornal distante do centro cultural das letras, são importantes para compreender que a relação entre os jornais das diversas províncias favorecia a circulação das obras dessas mulheres e também as colocava na mira da crítica. Os textos de Juvenal Tavares<sup>2</sup>, Theodoro Rodrigues<sup>3</sup>, Raul de

---

<sup>2</sup> Luiz Demétrio Juvenal Tavares (Cametá/PA, 1850-1907), jornalista, contista e poeta paraense que colaborou com *A Província do Pará* com episódios de *A Vida na Roça* (1893), em 1890 e 1891, assinado com o pseudônimo de “Canuto, o matuto”, e *A vapor e a cavalo*, em 1893, publicado em livro, posteriormente; além de contos e poesias escritas para o jornal de A. Lemos. Ver: AZEVEDO, J. Eustachio de. *Antologia Amazônica (poetas paraenses)*. Belém: Tipografia da Casa Editora Pinto Barbosa, 1904, pp. 37-42.

<sup>3</sup>Theodoro Rodrigues (Vigia/PA, 1874-?) foi jornalista, poeta e crítico. Colaborou com *A Província do Pará* nos anos finais do século XIX e com revistas de diversas províncias brasileiras; escreveu livros de poesia, prosa e história da Amazônia, além de ter sido membro da Mina Literária. (AZEVEDO, 1904, pp. 154-158).

Azevedo<sup>4</sup> e Carlos Dias Fernandes<sup>5</sup> tratam da escrita literária feminina que ficou esquecida nas páginas dos jornais oitocentistas e foram excluídas de boa parte das histórias literárias brasileiras.

### Letras femininas n' A Província do Pará

Para compreender melhor a circulação e recepção da escrita de mulheres no jornal paraense é necessário nos voltarmos para o contexto de publicação do diário e dos artigos e escritos veiculados, bem como compreender a sua postura social. É partindo das ideias progressistas que *A Província do Pará* saiu à luz em 1876, tendo como a origem o jornal maçônico *O Pelicano* (1872-1874),<sup>6</sup> criado para difundir as ideias da maçonaria e se contrapor ao catolicismo e posturas conservadoras propaladas nos jornais ligados à igreja católica ou membros desta. Dois anos após o encerramento das atividades de *O Pelicano*, Joaquim José de Assis lançou, ao lado de Antonio Lemos e Francisco Cerqueira de Souza, *A Província do Pará* que se tornaria o maior e mais moderno jornal a circular pela capital paraense no século XIX. A proposta do novo jornal se pautava na

---

<sup>4</sup> Agnelo Bittencourt Raul de Azevedo (São Luís/MA, 1875-1957), jornalista, colaborador do jornal *Pão*, da Padaria Espiritual (CE), da *Revista Contemporânea*, de Pernambuco, de *A Província do Pará*, em Belém, e diversos jornais em Manaus, cidade em que se estabeleceu a partir de 1896. Foi romancista, contista, teatrólogo, crítico, ensaísta, conferencista, político; membro da Academia Amazônica de Letras e da Academia Maranhense de Letras e fez parte da Mina Literária em Belém, de 1895 a 1899. (SACRAMENTO BLAKE, 1902, p. 101).

<sup>5</sup> Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes (Mamanguape/PB, 1874-1942), jornalista, biógrafo, poeta, romancista e crítico político e literário, instalou-se em Belém-PA em 1900, onde foi contratado por Antonio Lemos para trabalhar na redação de *A Província do Pará*. Como forma de gratidão a Lemos escreveu a biografia *Antonio Lemos: monografia de o homem, o político, o jornalista, o administrador, esboço biográfico*, publicado em 1904 no Pará pela editora C. Wiegandt, na qual busca construir a Lemos uma figura de herói. Em *A Província*, dedicava-se especificamente à crítica literária. Sobre a influência de Carlos Fernandes no jornal de Antonio Lemos, ver estudo de Maria de Nazaré Sarges: *Memórias do velho intendente Antonio Lemos (1869-1973)* (2002).

<sup>6</sup> *O Pelicano* (1872-1874) foi um jornal bissemanal de propriedade de Joaquim José de Assis; órgão da Maçonaria do Pará para embates políticos doutrinários contra os jornais católicos ou conservadores. Com o encerramento das atividades de *O Pelicano*, seu proprietário fundou *A Província do Pará* em 1876.

liberdade e no progresso. Por essa razão, algumas causas sociais fizeram parte das defesas do diário nos anos seguintes, das quais destacamos os direitos das mulheres. Vale ressaltar que, embora houvesse por parte do jornal uma postura de defesa dos direitos femininos, por diversas vezes foi possível encontrar discursos contrariados, naturalmente de homens, mas também de mulheres. Essa postura, que parece dúbia a princípio, estava alinhada à liberdade de expressão e pensamento pregada pelo jornal em seu editorial de inauguração.

Nesse contexto de dar voz aos que eram emudecidos pelos costumes conservadores é que *A Província do Pará* abre espaço para as mulheres escritoras e proporciona a inserção dos trabalhos de dezenas de mulheres contistas, tradutoras, romancistas, poetisas e ensaístas estrangeiras e nacionais ao longo do último quartel do século XIX. Nessa gama de gêneros, os romances de escrita feminina são exclusivamente estrangeiros, as demais produções tendem a ser de autoras brasileiras - com destaque para as colaboradoras locais.

Assim, é importante destacar que,

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX [...] (MUZART, 2003, p. 225).

Como bem destaca a pesquisadora Zahidé Muzart (2003), ainda que fosse constante a produção feminina nos periódicos Oitocentistas, seus trabalhos não costumavam ter a atenção dos literatos ou mesmo do público, e estar envolvidas nesse círculo social de pessoas ligadas à imprensa favorecia-as na publicação de suas produções. Não por acaso, um dos primeiros trabalhos de escritoras brasileiras no jornal são os escritos de Augusta de Assis, filha do Dr. Assis - fundador do jornal. D. Augusta teve sua estreia n' *A Província* aos 15 anos de idade com uma pequena prosa. Três anos depois, em decorrência da passagem de aniversário do jornal, a jovem escreveu a respeito de "A mulher e

o jornalismo”, em que discorre acerca da inserção da mulher como jornalista, atitude da qual se opõe por considerar que a escrita feminina deveria ser mais voltada para a literatura. Naquele momento, outras mulheres escreviam para o jornal, uma delas assinava com o pseudônimo “X.” e outra é Marguerite Muriel. Marguerite colaborou com a *Província* de 1881 a 1900, principalmente com a publicação de prosas e artigos sobre a educação da mulher; mas não era exclusiva do diário, pois outros jornais locais também publicavam contos assinados com o nome da autora e com o pseudônimo - Margot.

Embora em alguns discursos Augusta de Assis mantivesse uma postura conservadora, a contribuição deixada ao jornal foi de grande importância, pois, de certa forma, influenciou na divulgação de diversos escritos de outras mulheres, como da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, frequente nome nas páginas do jornal, além de inúmeras traduções, entre as quais destacamos os trechos de Mme. de Stael. Ela também abriu espaço para a inserção de outras senhoras da sociedade local no diário noticioso do pai e foi uma das mais frequentes em tradução assinada por mulheres e fez parte da Sociedade de Mulheres da Emancipação - órgão que apoiava as festas e movimentos abolicionistas.

Posteriormente, foi a filha de Antonio Lemos - D. Maria Guajarina de Lemos - que ocupou o espaço dedicado às mulheres no jornal. Outras escritoras regionais também foram divulgadas pelo diário: Englatina, Mariana Macedo<sup>7</sup> e Maria Valmont, esta última foi uma importante poetisa vinculada à agremiação literária paraense Mina Literária. Júlia Lopes de Almeida, Eponina Conduru Serra, Celina Lopes Vieira, Anna Nogueira Batista, Júlia Cortines, Josefina Álvares de Azevedo, Francisca Júlia da Silva, Narcisa Amália, Serafina, Marcia Flaviana foram algumas das mulheres que tiveram seus trabalhos divulgados

---

<sup>7</sup> Mariana Cavalleiro de Macedo nasceu em Belém no dia quatro de novembro de 1876, formou-se professora, colaborou ativamente com o periódico *A Escola*, para o qual escreveu contos infantis, por vezes reproduzidos na *Província do Pará*. Faleceu em novembro de 1900 em virtude de complicações no parto do primeiro filho (COELHO, 2018).

pelo jornal paraense. As reproduções traduzidas contaram ainda com a pena de Octavia Dolores, Graziella Guerreiro e Guilhermina Braule, além das já citadas Anna Nogueira Batista, Augusta de Assis e “X.”.

Todavia, não eram somente as publicações de poesia e prosa de ficção assinadas por mulheres que chamavam o leitor para a questão feminina, outros artigos foram importantes para levantar a questão feminina na década de 80 do referido século. Sem se distanciar da corrente de ideias que permeavam as outras províncias, a capital do Império e as cidades europeias, as questões de educação e emancipação feminina, bem como seus direitos, foram os principais temas abordados nos artigos.

O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de frequentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. O sufrágismo foi o mote de luta do feminismo, como todos sabem, e foi também a primeira estratégia formal e ampla para a política das mulheres. Sobre tal assunto, há um número muito grande de textos, de manifestos no mundo ocidental em geral, e no Brasil não foi tão diferente, embora de modo menos acentuado (MUZART, 2003, p. 226).

Em consonância com a temática de tendência nacional e internacional, os artigos como “Uma palavra sobre escritoras”, de X., “A mulher de hoje”, de Serafina, “A educação da mulher”, de Josefina Álvares de Azevedo, “Sobre a educação feminina”, de Marguerite Muriel, e diversos outros escritos por homens e mulheres traziam para o leitor - e para as leitoras, principalmente - a importância de avançar nas conquistas. Em 1890, uma seção do jornal intitulada “Questões sociais” expôs a necessidade de permissão do divórcio solicitado por mulheres e a respeito do direito ao voto. O responsável pelo artigo - M. A. - deixou claro que os editores do jornal o deixaram livre para defender a postura que lhe parecesse mais adequada, assegurando ser imprescindível para o avanço social que a mulher tivesse seus direitos garantidos.

A folha paraense foi o espaço reconhecido por essas mulheres para o engajamento na luta pela defesa dos direitos femininos. Não por acaso, Josefina Álvares de Azevedo escreveu ao redator Antonio Lemos uma carta a respeito da educação da mulher no Brasil:

A educação das mulheres no Brasil é um problema de magno alcance para o futuro pátrio. É sem dúvida o segredo inexplorado de todas as grandezas a que havemos de atingir, quando o velho e estólido preconceito de nossos maiores tiver de todo desaparecido dos nossos costumes. Como bem expende o sr. Jorge Pinto: “enquanto a educação da mulher brasileira for a que até hoje tem sido, continuaremos a ser o que há muito somos, um país de indolentes e de preguiçosos, um país de hepáticos e de nevropatas, na valente frase de José do Patrocínio” (AZEVEDO, 1889, p. 2).

Dessa forma, a autora dissertou sobre a precarização da educação feminina e a escassa condição social que a deixava sem perspectiva. Para ela, o desenvolvimento intelectual da mulher favoreceria o interesse dos homens, mas a cegueira da ignorância era um mal que ainda comprometia o futuro das mulheres. Para Josefina de Azevedo, a própria sociedade brasileira continuava naquele final de século supersticiosa ao acreditar que a instrução da mulher era perigosa e essa era a ideia arraigada nos espíritos dos brasileiros que mesmo em famílias bem estruturadas financeiramente as mulheres permaneciam à margem. Assim, a autora do artigo compreendia que “tempo é já de tratar-se de emendar o medonho erro de que todos temos sido vítimas; proporcionando-nos uma educação sólida, capaz de elevar-nos à altura de nossa missão na sociedade”.

Essas demandas femininas estiveram presentes no jornal até 1890 quando d. Augusta de Assis ainda colaborava com a folha. Posteriormente a esse período, foram atenuadas as notas ou ensaios direcionados a essa luta, mesmo que fosse possível observar a frequência na divulgação do trabalho de escritoras. Nos anos finais do século, os críticos e literatos que escreviam para *A Província* passaram a se debruçar a respeito da produção regional e nacional, especialmente das regiões que se correspondiam com o jornal, como a região hoje denominada Nordeste. Isso se deveu porque o fluxo de ideias entre os Estados do Ceará, Rio

Grande do Norte e Pernambuco era muito frequente na folha, fato que favoreceu o recebimento de produções literárias assinadas por mulheres, atraindo o interesse dos críticos locais. Entre 1890 e 1900, Juvenal Tavares, Theodoro Rodrigues, Raul de Azevedo e Carlos Dias Fernandes escreveram sobre a produção literária brasileira, entre as quais mereceram destaque os escritos sobre os trabalhos de Maria Simões, Auta de Souza (1876-1901), Ibrantina Cardona (1868-1946) e Emília Freitas (1855-1908). São quatro artigos sobre a escrita de poesia e um a respeito de romance.

### Recepção crítica da literatura de autoria feminina

Sob o título de “Uma poetisa”, em 1892, Juvenal Tavares escreveu um artigo sobre a produção de Maria Simões veiculada no *Democrata* (1890-1893), jornal paraense. As primeiras considerações dão conta da falta de interesse da crítica acerca dos versos publicados aos domingos pela jovem poetisa. Nascida em Pernambuco, Maria Simões casou-se com Mariano Simões, proprietário do jornal paraense *Diário de Notícias* (1881-1898). Por anos morando em Belém, a poetisa publicou um livro com as poesias propaladas no *Democrata*, livro este prefaciado por Juvenal Tavares. O trabalho crítico do literato paraense foi, primeiramente, mostrar que as poesias de Maria Simões, desdenhadas pela crítica local, tinham valor literário. Por essa razão, seu texto trouxe uma pequena seleção das poesias divulgadas no jornal para tratar da qualidade dessas composições, que, embora publicadas, a princípio, na vala comum dos “Solicitados”, mereciam ser lidas e avaliadas pela crítica especializada. Segundo Juvenal Tavares,

Seria aqui para notar, se isso já não fosse tão notório em nós, o indiferentismo com que são recebidos esses pequenos mimos literários, já não dizemos pelo público paraense, naturalmente tão indiferente em negócios de literatura, mas por aqueles que às letras se dedicam e literatos se dizem.

Mas é só indiferente? Totalmente indiferente?

Antes assim fosse, porquanto, e que é mais notável ainda, para não dizermos mais revoltante, no meio desta glacial indiferença do público, ouvem-se um cacarejar de galinha choca, um como que



grasnar de corvos ou coaxar de sapo em torno daqueles que, abandonando por momentos o positivismo brutal da sociedade, se elevam nas asas da imaginação até às regiões serenas das artes e adejam livremente no mundo delicioso das fantasias.

Oh! É certo que os que nada fazem, irritam-se e revoltam-se contra aqueles que alguma coisa produzem (TAVARES, 1892, p. 2).

Além da inércia do público, Juvenal Tavares faz uma dura análise acerca dos críticos literários paraenses que desconsideravam qualquer produção que não estivesse pautada pelo viés positivista, o que era uma queixa comum dos literatos paraenses aos jornalistas locais. Uma vez que, pela defesa da crítica positivista, da estética realista/naturalista, da poesia parnasiana, as produções literárias que não se enquadrassem nesse aspecto geralmente eram mal avaliadas ou ignoradas pela ausência de modernidade. Dessa forma, para o artigo, o autor selecionou as poesias “O primeiro amor”, “Quisera”, “Crença”, “Esperança”, “A morta” e “A noiva”. Tavares perpassa por cada uma delas para mostrar a delicadeza na composição das quadras, na escolha dos vocábulos e o ineditismo da poetisa na forma de composição.

Ao tratar do poema “Quisera”, ele ressalta: “são todos rimados, por fora e por dentro, se me permitem a expressão, que não está consagrada nos compêndios de arte poética”. O autor deixou nas entrelinhas que o fato de a forma de composição não ser a mais adequada, ainda assim valeria a leitura por trazer uma inovação à arte poética. No entanto, Juvenal Tavares não fez somente elogios à jovem, as críticas também foram ressaltadas. Para ele, Maria Simões “que nenhum estudo tem feito da arte métrica, peca inconscientemente, muitas vezes, pela forma. Como todo poeta bisonho, ela é iludida pela audição, única regra a que obedece” (TAVARES, 1892, p. 2). Ainda assim, para o crítico, os poemas de Maria Simões tinham qualidade, alguns chegavam a lembrar Basílio da Gama, e a poetisa tinha o mais importante para um poeta: a inspiração. Uma das qualidades mais marcantes da autora, ressalta Tavares, era a facilidade que tinha para expressar as coisas mais difíceis com naturalidade.

Outro paraense que escreveu a respeito da produção feminina foi Theodoro Rodrigues. O artigo “Uma poetisa do Norte”, de 1898, se volta para a poesia da norte-rio-grandense Auta de Souza (1876-1901). O crítico não se estendeu muito sobre a autora, mas considerou a sua obra como um avanço intelectual para o Norte, visto que “completamente isolados como estamos, como nos consideram, da metrópole intelectual brasileira” a produção da autora representava um adiantamento intelectual, “ainda que influenciados em parte por esse progresso de centros cultos” e em parte pela literatura europeia. O crítico ressaltou que a produção do Norte brasileiro integrava poetas de todas as escolas modernas da literatura, com parnasianos, decadentistas, líricos e nefelibatas, e todos os poetas paraenses, maranhenses, cearenses, baianos, pernambucanos e rio-grandenses que buscavam por um lugar distinto nas letras brasileiras.

Para Theodoro Rodrigues, as diversas agremiações literárias fizeram florescer os talentos, como a Padaria Espiritual e o Centro Literário do Ceará, a Mina Literária, no Pará, as agremiações literárias da Bahia e Pernambuco e, naquele momento, o Congresso Literário, no Rio Grande do Norte, que trouxera à luz Auta de Souza. A poetisa destacava-se entre os literatos do Congresso por todo seu talento na escrita de poesia: “uma alma inspirada, uma sonhadora - que vaza no verso cadencioso e cheio de gosto estético as suas impressões de sedenta do ideal”, por esta razão, o crítico considerou a poetisa do Norte “digna da galeria ilustre de Júlia Cortines, Francisca Júlia da Silva, Elvira Gama, Ibrantina Cardona, Anna Baptista e Revocata de Mello” (RODRIGUES, 1898, p. 1). Para ilustrar a lírica da poetisa rio-grandense, Teodoro Rodrigues expôs aos leitores o soneto “Caminho do sertão”, que foi inserido na obra *Horto*, publicada em 1900, cujo prefácio foi escrito por Olavo Bilac.

Auta de Souza também foi tema da crítica de Carlos Dias Fernandes, colaborador da *Província do Pará*, em virtude da publicação, em 1900, de *Horto*, seu único livro. Carlos Fernandes defendeu o talento da poetisa que não se dava por vaidade, elegância e “chiquismo”, pois sua obra mostrava que,

ainda que ela tenha nascido de uma pequena cidade, como Macaíba - PE, essa distância e isolamento não se sobrepuseram ao seu talento e que “não é o meio que produz o artista”, mas ele brota desses centros espontaneamente. Auta de Souza pertencia, para Fernandes, “a essa plêiade de reis desolados e nostálgicos, perdidos nos corredores tumultuosos do mundo, em busca de uma pátria ignota, onde um luar de bênçãos eternas vive perenemente aclarando os roseirais floridos da paz e da concórdia” e que havia poesia em que “revela[va] a grande abstração do seu espírito, rasgando clareiras novas no mundo do sentimento, com aquela vidência terrífica e maravilhosa que assinalou na terra o espírito magoado de Antero de Quental”. O crítico comparou-a, ainda, à Francisca Júlia - poetisa paulista - afirmando que ambas se equivaliam nos caprichos artísticos e no talento, e à Marcelline Valmore - esposa mística de Verlaine - com “as mesmas delicadezas de sentimento, as mesmas emoções castas, os mesmos êxtases místicos e a mesma volúpia imaculada e intentíssima, que fazem do *Horto* um perigoso jardim de exóticas flores embriagadas e anestésicas” (FERNANDES, 1900, p. 1). Entre Auta de Souza e Marcelline Valmore, o cotejo do autor buscou fazer uma equivalência na qualidade e na doçura feminina dos versos de ambas.

Carlos Fernandes selecionou alguns dos poemas de Auta de Souza - a saber: “Ao meu anjo bom”, “Trança loura”, “Penas de garça” e “Mistério” - para exemplificar a leitura que fez da obra e a maestria com que a poetisa compôs seus versos, transformando o “sentimento frívolo, corriqueiro e comum”. Nessas composições, o crítico ressalta o fato de a poetisa aproveitar os elementos e situações que pareciam corriqueiros e os transformava em poesia, por ter uma imaginação fecunda. Ela “arroja-se aos nevoeiros imensos da metafísica com a mesma naturalidade com que desce à simplicidade poética da canção popular” em que “o talento de Auta de Souza se impõe com a mais convincente insinuação”.

Se nas leituras das poesias de Maria Simões e Auta de Souza os críticos se voltam para o talento das poetisas na composição dos poemas, Raul de Azevedo faz

uma leitura mais abrangente da obra *Plectros* (1897), de Ibrantina Cardona. A crítica, em forma de carta aberta à poetisa, é uma publicação original d' *A Província*, assim como os demais textos; entretanto, Raul de Azevedo inicia a leitura sobre o livro a partir da sonoridade presente no título e a postura da poetisa na sociedade. Partindo do título - *Plectros...* - o crítico nota que era “sonoro, rápido e incisivo deixa a impressão forte e inapagável”, era “um bom título de livro esse”. Antes, porém de entrar na leitura sobre a qualidade do livro, Raul de Azevedo assinala a mérito da autora.

Versos, minha senhora, versos! E feitos e burilados por uma mulher patricia, que rompeu com essa convenção pedantesca e tola, fútil e ridícula - revolta dum temperamento insubmisso - da brasileira ser destinada só e exclusivamente para os trabalhos de agulha, para os cuidados domésticos. Não que seja pela mulher literata que faz fantasias e poesias insulsas; mas que mal resulta da existência de uma meia dúzia de escritoras, de alma e de coração, num país tão grande, numa pátria tão vasta?

E essa meia dúzia existe para gáudio do burguês barato, que tem onde derramar a bÍlis acumulada. Um pequeno grupo insubmisso, corajoso de resto, que burila a prosa e o verso, defendendo-os como Aneurin a sua harpa. (AZEVEDO, 1898, p. 1).

A primeira nota a ser destacada nas palavras de Raul de Azevedo é o reconhecimento de que o papel que se destinava às mulheres havia mudado. Prova disso era a presença de muitas mulheres nos jornais e revistas; um grupo, nas palavras de Raul de Azevedo, insubmisso. O crítico exalta essas mulheres corajosas e faz uma crítica às poetisas que compõem versos fantasiosos, mas pontua que as mulheres corajosas devem ser uma meia dúzia; todavia, hoje as pesquisas mostram que eram muito mais que isso. O autor inclui Ibrantina Cardona no rol das literatas cujo talento havia se destacado nas publicações pelos periódicos e diários do país ao citar Júlia Lopes de Almeida, Júlia Cortines, Francisca Júlia da Silva, Adelina Lopes Vieira e Zalina Rolin. Essas escritoras, de acordo com Raul de Azevedo, poderiam ser julgadas por escreverem maus livros, mas essas opiniões eram dos pessimistas que levavam uma vida medíocre e triste.

O livro de versos de Ibrantina Cardona tinha uma “alma ardente, temperamento vibrante, cheio de emoções desencontradas”, além de um estudo literário que possibilitava uma análise demorada e interessante, segundo Azevedo. Os parágrafos que seguiam davam conta da qualidade de *Plectros*, das rimas, da composição dos versos; além disso, ressaltou que não fazia esse enaltecimento sem julgar o valor da obra, pois *Plectros* não eram somente “palavras e palavras”, era o “livro de estreia, onde uma senhora e brasileira teça armas literárias, jogado ao público resoluta e ousadamente, tem defeitos, tem senões”, mas com qualidades que a crítica custava reconhecer. Raul de Azevedo declara que deixava o trabalho de rebuscar as faltas, medir os versos, examinar a impropriedade das imagens e hipérbole e os erros a essa crítica impenitente, falhas que críticos apaixonados garimpavam, fosse na prosa ou mesmo em um verso aprimorado.

Para ilustrar sua carta, Raul de Azevedo cita o soneto “Indiscreto” como um dos versos mais lapidados dos que compõem o livro. Versos que desvelam “o coração de mulher que tem alma, que sabe vibrar, que canta triunfalmente o amor, na vitória eterna da vida”. O crítico finaliza a carta a afirmar que “*Plectros* é um livro lírico [...] e quando nele se fere a nota épica, deixa-nos a impressão má, como que a ideia de estarmos a ouvir o raspar de uma parede...”. Sobre Ibrantina Cardona, Azevedo retoma a imagem da autora nas primeiras páginas do livro e nota o “olhar firme e profundo de sua autora, algo de resoluta, de inteligente, há nessa fisionomia simpática e atraente uma alma grande de artista que adivinha-se, que inspirou esses belos versos cantantes, engastados nas páginas líricas do *Plectros*” (AZEVEDO, 1898, p. 1).

O último escrito não é mais sobre análise de poesia e dirige sua atenção para um romance escrito por Emília Freitas - *A Rainha do Ignoto* (1899). Dos artigos críticos a respeito da produção feminina, “Rainha do ignoto, de dona Emília de

Freitas”<sup>8</sup>, de Carlos Dias Fernandes, é a crítica mais ferrenha sobre uma obra escrita por mulheres. A obra de Emília Freitas não agradou o crítico, a ponto de ele considerar que, se não fosse o dever profissional, preferia sequer ter lido e poupar o público de tais palavras pouco lisonjeiras. Esse olhar para o romance da escritora vai permear toda a crítica de Fernandes em virtude da narrativa ser classificada como um romance psicológico, e falta, para o crítico, a verossimilhança; sendo o enredo “muito fantasioso”. É bem verdade que na *História crítica do romance brasileiro* (1987), Temístocles Linhares cita o estudioso do romance cearense Abelardo Montenegro ao afirmar que *A rainha do Ignoto* “não passava de um dramalhão que não convencia, pois além da falta de veracidade dos fatos, o diálogo nunca alcançava a naturalidade. E o seu romantismo atingia às raias do delírio” (LINHARES, 1987, p. 344). São essas, também, as principais questões que deram a tonalidade da crítica de Fernandes, além dos problemas de gramática que ele vai ressaltar bastante.

Voltando às palavras de Fernandes, seu ponto de partida foi deixar claro que, para tratar com mulheres, devia-se ter o mínimo de respeito e consideração e selecionar bem o vocábulo e permitir, em uma discussão, que elas ganhassem a questão. No entanto, pondera: “quando, porém, uma senhora concorre livremente ao exercício da inteligência, aparecendo no domínio das letras a disputar uma colocação para o seu nome, perde, até certo ponto, as imunidades do seu sexo para ficar nos planos dos concorrentes em geral” (FERNANDES, 1900, p. 1). Carlos Fernandes justifica que poderia fazer como os demais críticos e se pautar em uma análise elogiosa por se tratar de uma obra de autoria feminina, todavia, essa não poderia ser uma justificativa para legitimar a mediocridade em literatura. Por essa razão, o crítico constrói seus argumentos comparando a obra da autora com nomes ilustres da literatura mundial, como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Alphonse Daudet.

---

<sup>8</sup> No título do artigo de Carlos Dias Fernandes o nome de Emília Freitas está grafado como Emília “de” Freitas. Ao longo do texto utilizamos o nome de acordo com o que está na obra.

Carlos Fernandes entendia haver diferença entre uma publicação para o mercado e uma publicação por aspiração. Quando se tratava de escrever profissionalmente, podia-se escrever uma obra com problemas e lançar para que o público julgasse; mas em uma obra escrita desejando conquistar um espaço ou a perpetuação da memória, havia necessidade de que essa obra fosse encantadora e que ultrapassasse as obras de escritores que romperam todas as épocas e o imponderável tempo. As exigências de Carlos Dias Fernandes à Emília Freitas no que diz respeito à obra literária chegam ao ponto de afirmar que foi um delito a autora publicar tal livro, ressaltando que “a função da crítica é apontar os defeitos, lembrando as emendas, e no livro em questão o concerto só pode ser radical”.

*A Rainha do Ignoto* é uma novela inverossímil, em que a autora manifesta uma grande anarquia de ideias. Esse título foi adotado para justificar um personagem absurdo denominado “a funesta”, que vem a ser a rainha do Ignoto.

Essa mulher misteriosa era uma espécie de assombração para os habitantes das circunvizinhanças da serra de Ireré. Chega a esse lugar, que deve ser no Ceará, um dr. Edmundo, que não é o Moniz Barreto, a quem a visagem aparece deslizando no rio Jaguaribe em um batel, remado por um orangotango, acolitado por um cachorro. A fada misteriosa vem tocando uma harpa que encanta o romântico engenheiro. O melhor é que naquelas alturas do Ceará, descritas como incultas e atrasadas por dona Emília de Freitas, a tal visagem aparece cantando em ótimo francês parisiense versos desta natureza:

“Te souvient, tu Marie  
De notre enfance au champs  
Notre jouet a la prairie,  
J’avais alors quinze ans”.

O tal dr. Edmundo fica pelo beijo, em vendo a rainha do Ignoto e, logo no dia seguinte, projeta uma viagem à serra do Ireré, onde lhe informaram residir a fascinante mulher encantada.

Esse moço, conforme descreve a escritora, era um espírito adiantado na ciência, investigador e pessimista de tanto saber. Caiu, no entanto, na esparrela de se apaixonar por uma fada, sem dúvida por estar em desacordo com o poeta Laurindo Rabelo que a respeito de fadas escreveu este ótico calembourg:

“Vou cantar os lindos dotes  
De uma donzela adorada;  
Quer casar-se, tem dinheiro,  
Mas não me serve essa fada”.

Essa do dr. Edmundo era séria e exótica, falava francês, tocava harpa, ... era, em suma, uma fada correta (FERNANDES, 1900, p. 1).

Essas colocações do crítico são exemplificadas na forma de um resumo em que apresentava a obra para mostrar o “caos das ideias” e as discordâncias entre a proposta do romance e as características das personagens, além dos problemas gramaticais dos discursos. Fernandes cita um trecho para questionar a qualidade gramatical da obra e o conhecimento da autora.

“O dr. Edmundo, aborrecido com os defeitos da educação das filhas de d. Matilde e preocupado com outra ideia, levantou-se, despediu-se e saiu.

- Doutor. Ó doutor, chamou Henriqueta da janela, eu lhe espero à tarde, para distrairmos um pouco ao piano...”

Como se vê, é de uma chateza sem nome a confecção desses períodos. Sem perguntarmos qual era a ideia do dr. Edmundo, pedimos licença a d. Emília para protestar contra aquele *lhe*, que é um clamoroso erro de sintaxe. Onde foi que aquela dona Henriqueta aprendeu gramática? O Ceará, tendo tanta presunção literária, não deve acolher em seu seio professores que ensinam barbaridades daquela natureza (FERNANDES, 1900, p. 1).

A preocupação de Carlos Fernandes com a escrita o leva a considerar algumas partes de descrições como um “pieguismo rococó”. Por fim, o crítico deixa entrever que não se tratava apenas dos problemas com a escrita ou o enredo da obra, mas um problema pessoal com alguns escritores cearenses, uma vez que faz a seguinte afirmação sobre os protagonistas: “a fada e o dr. Edmundo não passam de dois poetas idiotas, que bem merecem o título de sócios beneméritos da *Padaria Espiritual*”. À escritora Emília Freitas, ele assinala que ela não estava preparada para uma obra de fôlego, como um romance, porque não tinha gramática e nem conhecimento do gênero.

O artigo de Carlos Fernandes é o único escrito que acentua de forma negativa o trabalho de autoria feminina, e também é o único que apresenta um tom ácido na leitura da obra, como se nada fosse aproveitável na narrativa. Essa postura, diferente da maioria dos demais expostos no jornal, leva-nos a crer que não eram somente os defeitos da obra que o faziam tomar tal atitude, havia uma questão pessoal nos bastidores, ilustrada por um desentendimento entre o crítico com Emília Freitas, ou com a *Padaria Espiritual*, uma vez que nenhum



outro ensaio crítico do referido jornal consegue encontrar somente defeitos em uma obra.

Recentemente, o romance de Emília Freitas ganhou uma nova edição pela Editora Mulheres e tem sido considerado o primeiro romance psicológico brasileiro escrito por uma senhora. Os estudos mostram que o romance não é um dramalhão ou um aglomerado de problemas sintáticos e de pieguismo rococó como descreveram Abelardo Montenegro e Carlos Dias Fernandes, mas uma obra que trata da condição da mulher no Oitocentos, em que “a realização feminina só poderia acontecer em um espaço paralelo ao da sociedade oitocentista” (QUINHONES, 2015, p. 73). O que demonstra a relevância da recuperação dessas obras muitas vezes incompreendidas em seu tempo e espaço social, pois, como mostra Márcia Abreu a respeito da *Cultura Letrada* (2006), “os critérios de julgamento mudam historicamente” (p. 100). Tratando-se de escritoras, há um peso histórico a respeito do trabalho das mulheres que muitas vezes sofreram com o “silenciamento” de suas obras. Por outro lado, especificamente sobre Carlos Dias Fernandes e os escritores cearenses é possível inferir a existência de querelas que vão além da análise estética da obra.

As páginas dos periódicos do século XIX e início do século XX foram um espaço para inúmeras divulgações que não são mais correntes e constituíram, também, um lugar para a exposição da voz feminina, seja para reivindicar seus direitos civis e profissionais, ou para iniciar suas produções poéticas ou narrativas. Voltar às páginas dos jornais é fundamental para recuperar parte do que foi olvidado pela historiografia literária brasileira de suas épocas e mesmo de épocas posteriores e assim comprovar que essas mulheres eram muitas que ocupavam as páginas dos jornais diários, periódicos e revistas com suas prosas, poesias, artigos de luta. Eram lidas e não escreviam para si mesmas, como comprovamos nos artigos críticos dos jornalistas locais. Elas ultrapassavam seus espaços geográficos e alcançavam outras províncias, o que mostra o alcance de suas obras, ainda que muitas vezes não tenham sido compreendidas.

Emília Freitas, Ibrantina Cardona ou Auta de Souza são nomes difíceis de encontrar nas histórias da literatura brasileira, mas constituíram leituras comuns aos leitores e leitoras dos jornais naquela época. O reconhecimento histórico das obras delas só é possível a partir dos estudos que recuperam esses escritos de autoria feminina. Recuperação esta que também deve alcançar outras dezenas de jornais das províncias mais distantes do centro - como no Pará, a exemplo d'*A Província* e o *Democrata* entre outros jornais - nos quais dezenas de mulheres colaboraram ou tiveram seus trabalhos reconhecidos, discutidos, avaliados, mas, antes de tudo, lidos; o que lhes deu potencialidade intelectual que as notabilizou para além do “trabalho das agulhas”.

## Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: Literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

AZEVEDO, J. Eustachio de. **Antologia amazônica** (poetas paraenses). Belém: Tipografia da Casa Editora Pinto Barbosa, 1904.

AZEVEDO, Raul de. “Um livro de versos”. **A Província do Pará**. Belém, n. 6667, p. 01, 09 de maio de 1898.

COELHO, Maricilde Oliveira. Mariana Cavalleiro de Macedo: trajetória de uma normalista modelo. **Fronteiras & Debates**. Macapá, v. 5, n. 1, p. 75-88, jan. - jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/4514>.

Acessado em 02 jun. 2019.

FERNANDES, Carlos Dias. “Horto, de Auta de Souza”. **A Província do Pará**. Belém: n.7483, p. 1, 06 de agosto de 1900.

FERNANDES, Carlos Dias. “Rainha do Ignoto, de dona Emília de Freitas”. **A Província do Pará**, Belém, n. 7490, p. 1, 13 de agosto de 1900.

LINHARES, Temístocles. **História crítica do romance brasileiro: 1728-1981**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, v. 3.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan. - jun. 2003.

QUINHONES, Elenara Walter. *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas, uma obra utópica. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 14, p. 69-81, fevereiro de 2015. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/grpesqla/images/7\\_Elenara.pdf](http://w3.ufsm.br/grpesqla/images/7_Elenara.pdf). Acessado em 02 ago. 2018.

RODRIGUES, Theodoro. “Uma poetisa do Norte”. In: **A Província do Pará**. Belém, n. 6585, p. 1, 14 de fevereiro de 1898.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, v. 7.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do velho intendente Antonio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

TAVARES, Juvenal. “Uma poetisa”. In: **A Província do Pará**. Belém, n. 4768, p. 2, 24 de maio de 1892.